

## **Fotografia e Natureza: uma proposta curatorial**

Marilia Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

### Resumo:

Propomos refletir sobre nossa experiência na direção do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA). Este Instituto é uma OSCIP, fundado em 2005, e desde então tem realizado ações educativas e culturais nas cidades de Entre Rios de Minas e no Campo das Vertentes em Minas Gerais. Em Belo Horizonte estamos apresentando a proposta de tornar visível a obra de artistas que tem afinidade com o projeto de Maria Helena Andrés, voltado para o pensamento holístico e a realização de micro utopias no campo educacional, ambiental e artístico. Estamos trabalhando, como eixo do projeto, a questão da natureza vista através da fotografia expandida, em diálogo com outras linguagens artísticas a partir da pesquisa, discussão e divulgação do trabalho de quatro artistas: Maria Helena Andrés, Eymard Brandão, Jayme Reis e Pedro Ariza González.

Palavras Chaves: História Arte Contemporânea Curadoria

### Abstract:

We propose a reflection about our experience in the management of the Institute Maria Helena Andrés (IMHA). This Institute is an OSCIP, founded in 2005, and has since then conducted educational and cultural activities in the cities of Entre Rios de Minas and Campo das Vertentes, in the countryside of Minas Gerais. But in Belo Horizonte we are presenting the proposal to make visible the work of artists who have affinity with the project of Maria Helena Andrés, turned the holistic thinking and attainment of micro utopias on the educational, environmental and artistic field. We propose to work, as a focus of the project, the question of the nature seen through the expanded photography, in dialogue with other artistic languages, from the research, discussion and dissemination of the work of four artists: Maria Helena Andrés, Eymard Brandão, Jayme Reis and Pedro Ariza González.

Key words: History Art Contemporary Curator

### **Introdução**

Proponho refletir sobre a função das instituições e do mercado de arte no âmbito do desenvolvimento da nova geografia artística, tomando como ponto de partida a minha experiência na direção do Instituto Maria Helena Andrés

(IMHA). Este Instituto é uma OCIP<sup>1</sup>, fundado em 2005, e, desde então, tem realizado ações educativas e culturais nas cidades de Entre Rios de Minas e no Campo das Vertentes, no interior de Minas Gerais. Ao ser transferido para Belo Horizonte, iniciamos uma nova proposta de tornar visível a obra de artistas que tem afinidade com o projeto de Maria Helena Andrés, voltado para o pensamento holístico e a realização de micro utopias no campo educacional, ambiental e artístico.

O novo direcionamento do Instituto<sup>2</sup> focaliza a pesquisa, a reflexão, a catalogação, a conservação e a divulgação da obra da artista e vai ao encontro de minhas investigações sobre a história da arte contemporânea.

Dentro desse contexto de pesquisa e curadoria, a fotografia expandida, no campo ampliado da arte, em diálogo com outras expressões artísticas, apresenta-se como uma possibilidade de reflexão privilegiada para compreender o significado do pensamento de Maria Helena Andrés, pautado pela “arte estendida à vida”<sup>3</sup>.

Além dessa ideia supracitada, o pensamento da artista demonstra sua atualidade ao dar relevância às questões ecológicas. Diante das destruições da natureza que tem acontecido ao longo da história da modernidade, a luta pela preservação da Terra se impõe como uma necessidade de posicionamento urgente a favor da sustentabilidade ecológica de nosso planeta.

Foi seguindo essa linha de reflexão que escolhemos trabalhar com os cinco elementos da natureza – a terra, a água, o fogo, o ar e o éter – como eixo temático do projeto de fotografia ampliada. Mostramos que os quatro elementos (terra, água, fogo e ar) aparecem registrados através da lente

---

<sup>1</sup> OSCIP é uma organização de sociedade civil de direito privado e interesse público, sem fins lucrativos, que tem uma finalidade filantrópica e humanitária. A OSCIP é diferente da ONG porque possui uma qualificação certificada pelo poder público.

<sup>2</sup> Desde 2013 assumimos a direção do IMHA e no momento estamos realizando a transição da sede de Entre Rios de Minas para o Condomínio Retiro das Pedras, em Brumadinho, na região da grande Belo Horizonte. Ver informações sobre o IMHA no site: [www.imha.org.br](http://www.imha.org.br)

<sup>3</sup> Consultar os livros de Maria Helena Andrés: *Os caminhos da Arte*. Belo Horizonte, C/Arte, 2015; *Vivencia e Arte*, Rio de Janeiro, Vozes, 1966; e o blog *Minha Vida de artista*: [www.mariahelenaandres.blogspot.com.br](http://www.mariahelenaandres.blogspot.com.br). Ver também: LOPES, Almerinda da Silva. *Maria Helena Andrés*. Belo Horizonte, C/Arte, 2004

fotográfica e desdobrados em outras linguagens artísticas. Já o éter, o invisível, o imponderável, se manifesta de forma subjacente, unificando os diversos elementos, por meio de um texto curatorial, de uma exposição coletiva ou de uma manifestação artística voltada para a integração desses elementos.

### **Diálogos curatoriais**

Minha perspectiva curatorial vai ao encontro do pensamento de Hans Ulrich Obrist que considera o diálogo com os artistas, a visita aos ateliês, a troca de experiências afetivas e profissionais e o trabalho conjunto de produção de uma exposição como fundamentais para a construção da curadoria dentro do sistema de arte contemporâneo. Obrist, um dos mais respeitados curadores da atualidade, nos mostra a relevância da pesquisa, do conhecimento teórico, da familiaridade com a arte, mas também dá importância aos encontros com lugares e pessoas para desenvolver o trabalho curatorial.

No livro *Caminhos da Curadoria* o autor resgata a sua história e escreve o seguinte depoimento:

Quando olho para trás, para os meus primeiros anos da Suíça, percebo que quase todos os meus interesses, temas e obsessões que formaram minha trajetória surgiram bem cedo em uma série de encontros com lugares e pessoas: museus, bibliotecas, exposições, curadores, poetas, dramaturgos e, o mais importante, artistas.<sup>4</sup>

Minha trajetória é um pouco parecida com a de Obrist, embora o nosso contexto histórico e vivencial seja bem diferente. Fui criada numa família de artistas e intelectuais e, desde criança, tive o privilégio de conviver com os artistas e críticos que frequentavam o ateliê de minha mãe, localizado no quintal de nossa casa em Belo Horizonte<sup>5</sup>. Frequentava exposições, visitava museus e estudei na Escola Guignard nos anos 1970, onde convivi com artistas como Sara Ávila, Lotus Lobo, Eymard Brandão, Carlos Wolney, entre outros, que foram alunos e depois professores dessa Escola. Estudei filosofia na UFMG e história da arte na Universidade Estadual de Nova York em Stony

---

<sup>4</sup> OBRIST, Hans Ulrich. *Caminhos da Curadoria*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2014, p. 10. (Tradução: Alyne Azuma)

<sup>5</sup> O ateliê de Maria Helena Andrés era frequentado por Alberto da Veiga Guignard, Franz Weissmann, Mário Pedrosa, Sílvio Vasconcellos, Jacques do Prado Brandão, Murilo Badaró, Frederico Moraes, Pierre Santos, Mário Silésio, Marília Giannetti Torres e Nelly Frade, entre outros.

Brook onde fui aluna de Lawrence Alloway, crítico de arte inglês e fundador do Grupo Independente de Londres, formado por artistas pertencentes à pop art inglesa<sup>6</sup>. Fiz meu doutorado na USP com a historiadora Annateresa Fabris<sup>7</sup>, que orientou minha pesquisa sobre as neovanguardas em Belo Horizonte<sup>8</sup> e me estimulou a estudar a história da fotografia. No momento, estou terminando o pós-doutorado com a supervisão do filósofo Francisco Jarauta<sup>9</sup>, professor da Universidade de Murcia, na Espanha, e temos conversado sobre os possíveis diálogos internacionais entre artistas, críticos e curadores contemporâneos. Em Belo Horizonte, fui diretora da Editora C/Arte em parceria com o historiador Fernando Pedro da Silva, onde criamos o projeto *Circuito Atelier*, que visa registrar os depoimentos dos artistas e divulgá-los através de publicações, vídeos e exposições<sup>10</sup>. Esse projeto inédito nos possibilitou mostrar a importância da história oral para a pesquisa em história da arte, da convivência com os artistas e da construção conjunta da curadoria de uma exposição, que pode acontecer no ateliê do artista, na Galeria, na Escola de Arte ou em outros lugares reinventados. Aprendemos juntos, historiadores, curadores e artistas a construir a nossa própria história no contexto da arte contemporânea.

## O projeto expositivo

---

<sup>6</sup> O Grupo Independente de Londres, organizado a partir da segunda metade do século XX, foi uma dissidência do Instituto de Arte Contemporânea de Londres. Era formado por artistas, arquitetos e críticos, tais como Lawrence Alloway, Richard Hamilton, Eduardo Paolozzi, Peter Blake, Allen Jones, Richard Smith, entre outros. Lawrence Alloway foi o teórico do grupo e quem usou pela primeira vez o termo “pop art” para designá-lo, a partir de uma nova concepção antropológica de cultura urbana, interessada pela cultura de massa, a produção industrial e a fotografia.

<sup>7</sup> Annateresa Fabris publicou vários livros sobre a arte moderna e a fotografia, entre outros: *O desafio do olhar. Fotografia e artes visuais no período das vanguardas históricas*. São Paulo, Martins Fontes, 2013 e *O resgate do Efêmero*. Belo Horizonte, C/Arte, 2015.

<sup>8</sup> RIBEIRO, Marília Andrés. *Neovanguardas. Belo Horizonte, anos 60*. Belo Horizonte, C/Arte, 1997.

<sup>9</sup> Francisco Jarauta realizou várias curadorias de arte contemporânea, entre outras: *Arquitectura Radical*. MUVIM, Valencia, 7 noviembre - 2 diciembre, 2001; *Colección Chrisitan Stein. Uma historia del arte italiano*. IVAM, Valencia, 7 octubre, 2010 – 23 enero, 2011; *Colección IVAM. XXV Aniversario*. IVAM, Valencia, 18 febrero - 4 mayo, 2014.

<sup>10</sup> O projeto Circuito Atelier foi criado em 1998, por Fernando Pedro e por mim, na C/Arte Projetos Culturais. Está na sua quinquagésima quinta edição e tem focalizado o depoimento dos artistas brasileiros como Maria Helena Andrés, Amílcar de Castro, Sara Ávila, Teresinha Soares, Décio Noviello, Lotus Lobo, Eymard Brandão, Jayme Reis, Waltercio Caldas, Antonio Dias, Iole de Freitas, Paulo Bruscky, Rosângela Rennó, Anna Maria Tavares, Éder Santos, entre outros.

Para realizar esse projeto convidei os artistas com os quais tenho afinidades estéticas e afetivas, que trabalham a fotografia expandida e que têm o olhar do artista plástico, aquele que percebe a linha, a cor, a luz, a textura, as nuances, o movimento e as formas no espaço, através das imagens captadas pela lente fotográfica. Entendo que, desse encontro do olhar do artista com o objeto que se oferece ao seu olhar surge a “fotoplástica”<sup>11</sup>, uma fotografia que é própria do olhar que plasma as imagens com a luz e as aproxima do desenho, da pintura ou da escultura.

Maria Helena Andrés, Eymard Brandão, Jayme Reis e Pedro Ariza González são artistas diferentes, provenientes do Brasil e da Espanha, representativos de várias gerações, no entanto eles têm em comum o uso da fotografia como meio de expressão, em sintonia com outras mídias: a escrita, a técnica mista, o livro de artista, o poema visual sonoro e a *performance*. Todos eles têm os olhos voltados para a percepção da natureza em transformação, seja no céu do Retiro das Pedras de Maria Helena Andrés, nas marcas registradas na terra de Eymard Brandão, nas fogueiras de Jayme Reis ou no mar Mediterrâneo de Pedro Ariza González.

### **O céu de Maria Helena Andrés<sup>12</sup>**

Maria Helena Andrés abre a nossa exposição com uma reflexão sobre a natureza, o meio ambiente e com uma postura ambientalista frente à destruição das montanhas de Minas. Seu pensamento nos dá a chave da mostra, pautada pelos cinco elementos da natureza. Suas fotografias registram o ambiente em que ela vive, o entorno do Retiro das Pedras, as montanhas da Serra da Calçada e o céu de Minas. O olhar expandido do alto das montanhas, em perspectiva atmosférica, toca as pedras cor de ferrugem no primeiro plano, acolhe o verde aveludado do vale, alcança as montanhas em diferentes

---

<sup>11</sup> O termo foi usado por Roberto Conduro ao referir-se à fotografia de Mário Cravo Neto, publicado no texto “Imagens-corpos na fotoplástica de Mário Cravo Neto”. In: SANTOS, Alexandre e DE CARVALHO, Ana Maria Albani (Orgs.), *Imagens, Arte e Cultura*. Porto Alegre, UFRGS, 2012, p. 223-230.

<sup>12</sup> Maria Helena Andrés atua no circuito artístico brasileiro desde os anos 1940, quando integrou a geração de artistas da Escola de Guignard. Participou do movimento concretista em Minas nos anos 1950 e orientou-se para a tendência abstrata lírica nos anos seguintes. Atualmente a artista está realizando projetos de desenho, pintura, escultura, fotografia e escreve semanalmente um blog sobre suas experiências artísticas e vivenciais. A artista, que é também escritora, escreveu diversos livros e artigos de reflexão sobre arte, educação artística e intercâmbios culturais entre o Oriente e o Ocidente.

nuances de azuis, encontrando o desenho das nuvens, o brilho do sol e a transparência do céu no horizonte. O olhar sensível de Maria Helena capta a respiração das montanhas e o seu encontro com o céu, sendo o mesmo que perpassa a transparência e a leveza de suas pinturas e o movimento orgânico de suas esculturas, englobando o todo, o cosmos, o infinito. Seu olhar revela, ainda, sua vivência e atuação dentro da arte moderna e a perspectiva utópica de construção de um mundo melhor, mais humano e integrado à natureza. Maria Helena ama as montanhas de Minas, abraça a Serra da Moeda, e, junto com os ambientalistas de nossa terra, a exemplo de Frans Krajcberg, denuncia o desaparecimento da paisagem pela ação destrutiva das mineradoras.



Maria Helena Andrés, fotografia, 2015

### **As marcas telúricas de Eymard Brandão<sup>13</sup>**

O diálogo de Eymard Brandão com a fotografia surge como complemento de seu trabalho artístico dentro do ateliê. No silêncio de seu ateliê Eymard refina os pigmentos naturais e os resíduos minerais usando trituradores e peneiras, constrói os objetos com diversos materiais e sucatas, pinta os suportes, explorando a cor, a matéria, a linha, a textura, e, no final do processo, registra seus trabalhos através da fotografia digital.

---

<sup>13</sup> Eymard Brandão pertence à geração de artistas que atuou, desde os anos 1970, na paisagem urbana de Belo Horizonte. É artista plástico, pesquisador e professor da Escola Guignard, onde leciona desenho de criação e técnica mista. Atualmente está se dedicando também à pesquisa com a fotografia. Ver textos que publiquei sobre o artista: *A transfiguração dos resíduos na arte de Eymard Brandão*. In: Catálogo da exposição *Arte em Resíduos*, Centro Mineiro de Referências em resíduos, Belo Horizonte, 8 de junho - 8 de julho, 2010; *A poética de Eymard Brandão: da arte em resíduos à fotoplástica*. In: Anais do 23º Encontro Nacional da ANPAP, Belo Horizonte, 15 a 19 de setembro de 2014.



Eymard Brandão, 2013. Diptico: 37x55 cm cada imagem. Fotografia e trabalho em técnica mista s/ MDF.

Mas, no deslocamento de seu ateliê exterior, imerso na paisagem ao redor, o artista fotografa as marcas de tapumes, paredes, portões desgastados pelo tempo e aquelas deixadas no solo pelos tratores e caminhões que trabalham na construção de estradas ou no calçamento de ruas. Entre o trabalho de diversas máquinas Eymard vai registrando aquilo que o sensibiliza e atrai a sua atenção, usando a lente fotográfica. O que interessa ao artista é captar aquele momento do encontro de seu olhar com o objeto anônimo, o olhar criativo e plástico que percebe, na vida cotidiana e na natureza, fragmentos de realidade transfigurados em arte. Na série *Solo e Subsolo*, que dá continuidade à sua pesquisa com a fotografia integrada aos pigmentos e resíduos minerais, o artista estabelece uma relação entre a fotografia e a matéria, o olhar macro focado nas cicatrizes da terra e o reaproveitamento dos resíduos e pigmentos encontrados no solo. Essas marcas, registradas pela fotografia, são justapostas aos trabalhos em técnica mista, estabelecendo um diálogo entre opostos, uma mestiçagem<sup>14</sup> que consiste na justaposição de elementos heterogêneos e ao mesmo tempo íntegros, distinguíveis uns dos outros. O diálogo de Eymard Brandão ultrapassa as montanhas de Minas e vai ao

---

<sup>14</sup> O termo foi usado por Icleia Cattani para designar o hibridismo presente na arte brasileira. Ver : CATTANI, Icleia Borsa. *Mestiçagens na Arte Contemporânea*. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2007.

encontro das pesquisas dos artistas da *Land Art*<sup>15</sup>, que trabalham diretamente com a terra e a natureza, recriando outras paisagens.

### **As fogueiras de Jayme Reis**<sup>16</sup>

Jayme Reis apresenta fotografias das fogueiras que surgem engolindo igrejas, padres, caveiras, bonecas, cadeiras, barcos, aviões e corações “apaixonados”. As fogueiras saltam do espaço bidimensional dos entalhes em madeira e das estórias eróticas em *photoshop* para o espaço real e se mesclam com a vida, a obra e a *performance* do artista. São verdadeiros rituais dionisíacos que acontecem no espaço apropriado do ateliê, a exemplo da *Fogueira da Despedida*, realizada sobre a égide de Fênix, no quintal de sua casa-ateliê, em Tiradentes, onde o artista queimou “obras eternamente inacabadas”<sup>17</sup>. As fogueiras, associadas à imagem da combustão, simbolizam a destruição e a transformação da obra, apontando a importância do processo na criação artística. A fotografia é usada por Jayme Reis como registro do evento e, quando mesclada aos registros das procissões da Semana Santa, se transforma no livro de artista. A *Série Epiphania*, termo religioso referente à aparição divina, foi apropriado pelo artista para designar esses trabalhos de fogo, remetendo à imagem do homem que observava fogueiras durante um ritual da Igreja Católica. *Epiphania* resgata, ainda, imagens da história da arte desde os tempos das fogueiras medievais, passando pela luz barroca de

---

<sup>15</sup> Desde os anos 1960 os artistas da *Land Art* propõem trabalhar com a escultura no campo ampliado realizando intervenções nos parques, desertos, vales e rios. Usam a fotografia como meio para registrar suas obras, que são exibidas para o público que frequenta galerias e museus. Os artistas pioneiros desse movimento são os europeus e americanos: Carl Andre, Walter de Maria, Michael Heizer, Richard Long, Dennis Oppenheim, Richard Smithson, entre outros. Ver: LAILACH, Michael. *Land Art*. Köln, Taschen, 2007.

<sup>16</sup> Jayme Reis pertence à geração de artistas mineiros que despontou nos anos 1980 e tem como objetivo a retomada do trabalho manual, do fazer artístico, em contraposição ao conceitualismo. Trabalha na produção de objetos, gravuras, pinturas, fotografias e escrita. Sua experiência com a fotografia e também com o *photoshop* remonta a 2006/2007, quando o artista realizou uma exposição polêmica na Galeria da CEMIG, em Belo Horizonte, onde apresentou, pela primeira vez, a série *Epiphania*. Essa série está documentada no catálogo da exposição e foi recolhido pela direção da Instituição devido ao seu caráter irreverente. Ver: REIS, Jayme. *EPIPHANIA*. Belo Horizonte, CEMIG, novembro de 2007.

<sup>17</sup> Essa fogueira marcou a mudança de seu ateliê de Tiradentes para Belo Horizonte, em 2009, e foi a primeira de uma série de fogueiras realizadas em Minas Gerais. Recentemente, Jayme Reis realizou a fogueira “*O Último Picasso*” no ateliê rural de Maria Helena Andrés, na fazenda *Luiziânia*, em Entre Rios de Minas, onde o artista queimou entre outros objetos, uma pintura de Picasso feita por ele.



Caravaggio e Rembrandt, até os rituais com o fogo de Yves Klein<sup>18</sup>. O olhar crítico de Jayme Reis capta os momentos de transformação do fogo nos objetos, a mudança da luz, das formas e das cores, configurando uma visão neobarroca e uma crítica bem-humorada da arte e da vida.



Jayme Reis, fotografia, 2014

### **O Mar de Pedro Ariza Gonzàlez<sup>19</sup>**

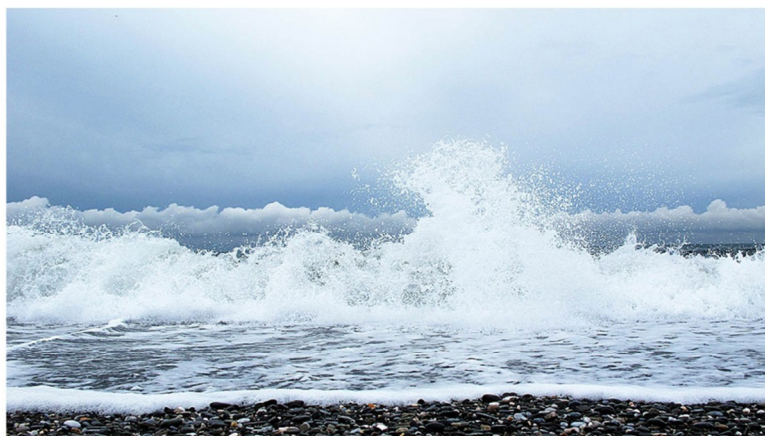
Pedro Ariza Gonzalez tem o mar no olhar. Ele também focaliza o processo, a transformação, o movimento e a transparência da água no mar Mediterrâneo, o azul das pedras na praia e a luz do céu no horizonte. A força e a exuberância da paisagem em seu estado natural é apresentada na série *Gratitud* como um agradecimento à vida e à natureza. Essa série se completa na série *Contact*, que focaliza o movimento da dança, do corpo humano, despojado e nu, em contato com outro corpo. A paisagem natural da praia é preenchida pela

---

<sup>18</sup> Yves Klein, artista francês que pertenceu ao movimento neorealista, realizou pesquisas e rituais com a cor e o fogo. Construiu a primeira escultura com o fogo, em 1961, nos jardins do Museu de Krefeld, por ocasião de sua retrospectiva. Ver: "El maestro del Fuego". In: BIANCHI, Paolo. "Siete Anos para la posteridad", publicado no catálogo da exposição de Yves Klein, no Museo Guggenheim, Bilbao, 2004, p. 43-45.

<sup>19</sup> Pedro Ariza González é artista visual, fotógrafo, *videomaker* e dançarino. Atua no campo artístico de Málaga desde os anos 2000 e sempre se interessou pela integração entre o espiritual e as artes, aproximando-se da visão holística de Maria Helena Andrés. Trabalha em cooperação com outros artistas e produziu para o nosso projeto o vídeo *Pazo Básico*, que é a sua primeira experiência de trabalho coletivo e interdisciplinar com a imagem em movimento.

*performance* de um homem e de uma mulher, mostrando a paisagem do corpo humano. A dança improvisada do corpo se desdobra na dança das águas, sendo apresentada no vídeo *Paso Básico*, um trabalho coletivo realizado por dançarinos, fotógrafos e *videomakers* nas águas dos rios e mares da região de Málaga. O olhar generoso de Pedro percebe a grandeza, a exuberância e a maravilha da natureza como uma gratidão da vida. Revela, ainda, o seu respeito por ela e vai ao encontro do olhar de Sebastião Salgado, que apresenta, na série *Gênesis*, um “hino visual à grandeza e à fragilidade da natureza em seu estado primordial”<sup>20</sup>. Sebastião Salgado, considerado um dos fotógrafos mais significativos de nosso tempo, não só faz uma homenagem à origem da natureza, como também nos convida a participar do grande desafio de lutar pela preservação de nosso planeta<sup>21</sup>. Embora não tenha participado dessa exposição, o exemplo, a militância e a fotografia de Sebastião Salgado estão presentes no nosso olhar, em sintonia com a nossa proposta curatorial.



Pedro Ariza Gonzáles, fotografia, 2014

---

<sup>20</sup> SALGADO, Sebastião Salgado. *Genesis*. Colonia, Editora Tashen, 2013.

<sup>21</sup> Junto com sua esposa Lélia Wanick Salgado, o fotógrafo fundou, em 1998, o Instituto Terra, responsável pela reconstituição, preservação e divulgação da Mata Atlântica, situada na região de Aimorés, no leste de Minas Gerais. Esse Instituto é uma organização ambiental dedicada ao desenvolvimento sustentável do Vale do Rio Doce. Ver o filme documentário sobre Sebastião Salgado: *O Sal da Terra*, dirigido por Win Wenders e Juliano Salgado, indicado ao Oscar de melhor documentário em 2015.

## Considerações finais

O projeto *Fotografia e Natureza*, que já teve realizado sua primeira etapa, nos propiciou a oportunidade de pensar e experimentar: o processo de produção da curadoria junto com os artistas participantes; a elaboração do texto curatorial, da expografia e do catálogo da exposição como um trabalho coletivo de colaboração; a escolha da Galeria Lemos de Sá que trabalha com os artistas convidados e que nos proporcionou o espaço e a produção do catálogo da exposição<sup>22</sup>; o registro de todo o processo de produção e recepção através da fotografia e do vídeo, realizado junto com a equipe de produção que atua no IMHA<sup>23</sup>. Tivemos também a oportunidade de dialogar com teóricos e curadores que muito nos enriqueceram com suas diferentes perspectivas teóricas e de compartilhar com o público a experiência dos artistas com a fotografia e a natureza, bem como a possibilidade de discutir questões contemporâneas tais como a arte, a ecologia, o corpo e o cuidado com o nosso planeta<sup>24</sup>.

*Texto apresentado no XXXV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA) - Novos mundos: fronteiras, inclusão, utopias. Rio de Janeiro, 24 a 29 de agosto de 2015.*

---

<sup>22</sup> A produção da exposição contou com a doação dos artistas participantes e a colaboração de Antonio Costa e de sua esposa Meire Costa.

<sup>23</sup> A primeira versão deste texto foi publicada na apresentação do catálogo da exposição *Fotografia e Natureza*, realizada Lemos de Sá Galeria de Arte, Nova Lima, 14 de março a 11 de abril de 2015. O catálogo foi produzido por Jayme Reis e Paulo Fatal, a expografia foi criada pelo arquiteto João Diniz e o vídeo está sendo realizado pela equipe de produção do IMHA formada por Fernanda Granato e Walmir Gois. O professor André Melo Mendes, responsável pela comunicação do projeto, escreveu o texto crítico *A Natureza em transformação em Belo Horizonte*, publicado no Jornal *Arte&Crítica*, da ABCA, número 33, Ano XIII, Março de 2015.

<sup>24</sup> No momento, estamos trabalhando o desdobramento desse projeto, visando reconfigurar novas exposições, em outros espaços culturais, com a inserção de novos artistas, propiciando novos debates sobre o tema.